

O Que Eu Respondo? Dúvidas Sobre Sexualidade Infantil Entre Futuras Pedagogas

Cynthia Borges de Moura¹, Carla Elias de Moura², Josiane Conceição Andrade³ e Ana Kamila Borgonovo⁴

1. Doutora em Psicologia Clínica, UNIOESTE.
2. Mestre em Ensino, UNIOESTE – *Campus Foz do Iguaçu*.
3. Mestranda em Ensino, UNIOESTE – *Campus Foz do Iguaçu*
4. Enfermeira.

cynthia-moura@hotmail.com e anaborgonovo@hotmail.com

Palavras-chave

Educação Sexual
Formação acadêmica
Pedagogia
Sexo
Sexualidade

Resumo: Considerando que a Educação Sexual é uma questão básica de cidadania, os cursos de Pedagogia deveriam preocupar-se em preparar os futuros professores para esta atuação. Muitos professores apresentam dificuldades em trabalhar a Educação Sexual dentro da sala de aula e relacionam isso a deficiências na formação inicial. Esta pesquisa teve como objetivo identificar as concepções de sexo e sexualidade e perguntas sobre esse tema que acadêmicos do curso de Pedagogia não saberiam responder caso fossem indagados pelas crianças. Participaram do estudo 98 discentes do curso de Pedagogia de uma instituição pública e outra privada de ensino na cidade de Foz do Iguaçu – PR. Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado respondido individualmente pelos acadêmicos. As respostas foram categorizadas e quantificadas em termos de frequência e porcentagem. Os resultados mostraram que, quanto às concepções de sexo, os acadêmicos entendem o termo como: relação sexual (28%), gênero (22%), e prazer (9%). Quanto à concepção de sexualidade, 16% entendem como o ensino e aprendizagem sobre o corpo e sobre sexo, 12% entendem como sensações prazerosas, 10% relacionam o termo à orientação sexual, 10% ao gênero, 8% à relação sexual. As perguntas descritas pelos acadêmicos como de maior dificuldade em responder às crianças foram sobre os temas: ato sexual (23%), gravidez (18%), gênero (15%) e prazer (13%). Conclui-se que os acadêmicos não têm clareza dos conceitos de sexo e sexualidade, e que entre outros fatores isso pode contribuir para dificuldades em responder questões básicas da sexualidade, como ato sexual e gravidez. A capacitação em sexualidade durante a formação acadêmica poderia favorecer aos futuros profissionais maiores preparo e segurança para trabalhar a temática.

Artigo recebido em: 24.10.2018

Aprovado para publicação em: 30.10.2018

INTRODUÇÃO

Muitas vezes confundidos e sendo usados como sinônimos, os termos sexo e sexualidade possuem definições diferentes. Sexo, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2006) refere-se às características biológicas que definem os seres humanos sendo macho ou fêmea. É também o termo utilizado para referir-se ao ato sexual. A sexualidade, por sua vez, engloba os sentimentos, atitudes e percepções relacionadas às práticas sexuais e ao afeto (MAIA; RIBEIRO, 2010). A sexualidade é inerente à vida humana, as marcas biológicas são percebidas socialmente de formas variáveis, a depender da sociedade, da cultura, da imposição de valores, crenças e concepções da família e de outros grupos sociais, como a escola (MOKWA *et al.*, 2012).

A escola é um ambiente estratégico para a realização da Educação Sexual, considerando que é um espaço influenciador na formação de opinião de crianças e adolescentes (NEVES; ROMERO, 2017). Nesse aspecto, Mokwa *et al.* (2012) afirmam que a escola deve utilizar sua capacidade formativa para promover a ci-

dadania e ampliar o conhecimento para além da visão preventiva, biológica e higienista, construindo o pensamento crítico e reflexivo, com abrangência de toda a questão biopsicossocial da sexualidade.

Ao se tornar um tema constituinte do currículo escolar, a sexualidade ficou restrita aos conteúdos de dimensão biológica, o que não era a proposta na época em que o Ministério da Educação elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais, pois seu caráter transversal permitia que fosse abordada em qualquer disciplina e explorada em todas suas dimensões (LEÃO; RIBEIRO, 2013).

O documento utilizado atualmente para a definição do currículo escolar, a Base Nacional Comum Curricular, limitou a Educação Sexual nas escolas ao retirar a sexualidade do caráter transversal e restringi-la à disciplina de Biologia (CABRAL; MOURA; BORGONOVO, 2018). No estudo de Barros e Ribeiro (2012), a grande parte dos integrantes de equipes diretivas e pedagógicas, assim como dos estudantes entrevistados afirmaram que a sexualidade deveria ser abordada em uma disciplina específica. As disciplinas de Ciências e Biologia foram consideradas privilegiadas para a abordagem da sexualidade, pois seu conteúdo é voltado a exposição e discussão sobre o corpo humano. Com essa visão, as escolas limitam o debate da sexualidade na dimensão biológica, ensinando apenas anatomia dos aparelhos genitais masculino e feminino, reprodução humana e as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) (BARROS; RIBEIRO, 2012). Assuntos como sentimentos, valores, gênero e direitos sexuais e reprodutivos, foram omitidos ou relegados a segundo plano (UNBEHAUM; CAVASIN; GAVA, 2010).

A Educação Sexual em ambiente escolar tem por objetivo fornecer informações e promover discussões acerca de diferentes temáticas da sexualidade considerando-as em suas várias dimensões, articulando-se, portanto, a um projeto educativo que exerça uma ação ligada à vida, à saúde e ao bem-estar de cada indivíduo (MAIA; RIBEIRO, 2011). Preocupar-se com a formação do professor quanto à sexualidade decorre do fato de que é ele quem está em contato direto com o aluno e pode, nesta relação, verificar as dúvidas, inquietações e curiosidades no tocante à sexualidade (LEÃO, 2009).

A ausência de temas relacionados à educação em sexualidade na formação inicial de professores tem como consequência uma dificuldade destes em trabalhar e lidar com a sexualidade em sala de aula (UNBEHAUM; CAVASIN; GAVA, 2010). Mokwa *et al.* (2012), analisando de que modo a temática da sexualidade vem sendo concebida pelos alunos no final da graduação do curso de Pedagogia, encontraram pouco conhecimento das alunas sobre as questões que permeiam o tema da educação/orientação sexual. Para Maia e Spaziani (2010), professores afirmaram sentirem-se desconfortáveis para realizar a Educação Sexual, pois não estudaram o conteúdo durante a formação acadêmica.

Maia (2006) e Figueiró (2006) assinalam que tal despreparo ocorre devido a uma lacuna na formação destes profissionais para operar com a temática sexual, ocasionando a carência de conhecimentos que interferem diretamente na atuação com o aluno quando este tema precisa ser abordado.

Unbeaum, Cavasin e Gava (2010) realizaram um mapeamento das propostas curriculares dos cursos de Pedagogia de universidades brasileiras, a partir dos dados do Ministério da Educação, e encontraram que em 60% delas a temática da sexualidade aparece como conteúdo em alguma disciplina. Porém, na maior parte delas a disciplina é oferecida na modalidade “optativa”, o que significa que somente os estudantes interessados diretamente no assunto irão cursá-la.

Implantar desde o ensino superior a formação sobre a temática da sexualidade permitirá que o professor desenvolva criticidade para lidar com as dificuldades, os tabus e preconceitos incorporados aos assuntos sobre sexo, gênero e orientação sexual, e que esteja tecnicamente capacitado, provido de informações científicas atualizadas provenientes de fontes fidedignas para a discussão com seus alunos (RIZZA; RIBEIRO;

MOTA, 2018). Uma formação docente que esclareça os processos de cada fase do desenvolvimento humano, discuta valores, comportamentos e de tomadas de decisão responsáveis sobre o próprio corpo, promoverão não só a adoção de medidas de caráter preventivo nas ações de Educação Sexual na escola, mas também a vivência saudável da sexualidade.

O futuro pedagogo precisa se preparar e se atualizar nesta temática para ter condições de ministrar os conceitos de sexualidade e dialogar com seus os alunos que vivenciam, a cada etapa de suas vidas, novas dúvidas, incertezas, angústias e conflitos relacionados as mudanças físicas, comportamentais e emocionais com que se deparam (LIMA; ALMEIDA, 2010).

Contudo, tendo em vista este contexto, o objetivo deste trabalho foi identificar as concepções de sexo e sexualidade entre futuras pedagogas, assim como os tipos de perguntas sobre sexo e sexualidade que não saberiam responder, se sentiriam despreparadas caso fossem indagadas pelas crianças. Tal levantamento pode fundamentar a seleção de conteúdos e a formulação de estratégias para capacitar os futuros pedagogos a lidarem melhor com as perguntas das crianças, promovendo uma vivência saudável da sexualidade.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é de caráter quali-quantitativa, exploratória, descritiva e de campo. Participaram 98 acadêmicas de todos os períodos do curso de Pedagogia de uma instituição pública e uma particular de ensino na cidade de Foz do Iguaçu – PR. A Tabela 1 apresenta a caracterização das discentes de pedagogia que participaram da pesquisa.

Tabela 1. Caracterização das participantes quanto a idade, sexo e capacitação anterior em Educação Sexual

Característica	Freq. (n=98)	%
<i>Idade</i>		
Até 20 anos	35	37%
Entre 21 – 25 anos	26	27%
Entre 26 – 30 anos	11	11%
Entre 31 – 35 anos	09	9%
Acima de 35 anos	16	16%
<i>Sexo</i>		
Feminino	90	92%
Masculino	6	6%
Não respondeu	2	2%
<i>Capacitação em Educação Sexual</i>		
Sexual	6	6%
Sim	89	91%
Não	3	3%
Não respondeu		

Fonte: Dados da pesquisa (2017).

O instrumento de coleta de dados utilizado nesta pesquisa foi um questionário semiestruturado adaptado de Meneghetti (2016). Continua, além dos dados de caracterização do respondente, três perguntas abertas:

“Para você, o que é sexualidade?”, “Para você, o que é sexo?”, e “Quais perguntas que as crianças podem fazer que você não saberia responder?”.

Em seguida apresentava uma lista com 23 assuntos sobre sexualidade e a instrução de que fossem assinalados cinco que gostariam de obter mais conhecimento para abordar com crianças. Os assuntos eram: transformações corporais na puberdade, corpo feminino, corpo masculino, gravidez na adolescência, ciclo menstrual, ISTs/AIDS, concepção e gravidez, métodos contraceptivos, abuso sexual e prostituição adolescente, decisões responsáveis quanto à sexualidade, comportamentos sexuais de risco, relações sexuais, aborto, homossexualidade, pornografia, a primeira relação sexual, ejaculação, como lidar com a pressão dos pares para ser sexualmente ativo, abstinência sexual, masturbação, prazer sexual e orgasmo, sexo oral e sexo anal.

Todas as participantes foram esclarecidas sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o TCLE. O preenchimento do questionário se deu de modo individual, livre e voluntário.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – CEP/Unioeste e aprovada sob o parecer de número 618.706. As coordenações dos cursos de Pedagogia das instituições pesquisadas aprovaram a realização do levantamento de dados.

RESULTADOS

Os dados provenientes das perguntas abertas foram submetidos à Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977). As respostas dos participantes foram transcritas na íntegra, lidas e separadas em unidades de análise. O critério de separação de uma unidade era a mudança de conteúdo no discurso do sujeito. As unidades foram classificadas em categorias e quantificadas em termos de frequência e porcentagem.

A Tabela 2 apresenta o resultado da categorização das respostas quanto das concepções dos acadêmicos de pedagogia sobre o termo “sexo”.

Tabela 2. Concepções dos acadêmicos de pedagogia sobre o termo “Sexo”

Categorias	Exemplos	Freq.	%
Relação Sexual	“Relação sexual propriamente dita” “Ato sexual entre duas pessoas”	33	28%
Gênero	“O que define masculino e feminino” “É o gênero biológico das pessoas”	26	22%
Prazer	“Uma maneira de sentir prazer” “É um ato de prazer”	11	9%
Outras respostas	“Um impulso, que se encontra em várias áreas de expressão” “Ato de desejos e excitações entre ambos sexos”	26	22%
Não respondeu	“Não sei responder” “Não sei”	22	19%

Fonte: Dados da Pesquisa (2017)

As respostas dos acadêmicos de pedagogia relacionaram a palavra “sexo” em primeiro lugar à relação sexual propriamente dita (28% das respostas), 22% relacionaram a gênero e 9% a prazer.

A Tabela 3 apresenta os resultados da análise das concepções dos acadêmicos de pedagogia sobre o termo “sexualidade”.

Tabela 3. Concepções dos acadêmicos de pedagogia sobre o termo “sexualidade”

Categoria	Exemplos	Freq.	%
Aprendizagem sobre o corpo e sobre sexo	“O descobrimento da sexualidade por parte do indivíduo” “É o entendimento sobre o próprio corpo e respeito ao corpo do outro”	16	16%
Sensações Prazerosas	“Afetos e sensações prazerosas” “Sensações, sentimentos e emoções relacionadas ao prazer”	12	12%
Orientação Sexual	“Opinião sexual de cada pessoa” “Relacionada a opção sexual de cada um”	10	10%
Gênero	“Sexo ou gênero” “Tudo que envolve de uma forma geral, nomenclaturas de gênero, tipos, etc”	10	10%
Relação Sexual	“Ato íntimo entre pessoas” “Práticas sexuais”	8	8%
Outros	“Corpo e órgão reprodutor” “Qualquer coisa que estimule o sexo”	23	23%
Não respondeu	“Não sei” “Não sei responder”	21	21%

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Na tabela acima, percebe-se nas respostas, que para as futuras pedagogas o termo “sexualidade” refere-se à aprendizagem sobre o corpo e sobre sexo (16%), à sensações prazerosas (12%), ou ainda à orientação sexual e gênero (ambas com 10%).

A Tabela 4 apresenta os resultados da análise das perguntas que os acadêmicos acreditam que não saberiam responder caso fossem indagados pelas crianças.

A Tabela 4 mostra que as “perguntas sem resposta” por parte das acadêmicas seriam as relacionadas ao ato sexual (23%), à gravidez (18%), gênero (15%) e prazer (13%).

Os dados coletados na parte objetiva do instrumento, que se referiam a lista de 23 assuntos sobre sexualidade para que assinalassem os cinco que gostariam de obter mais conhecimento foram tabulados e quantificados em termos de frequência e porcentagem.

Na Tabela 5 estão apresentados os cinco assuntos mais votados. A porcentagem foi calculada pelo número de participantes, uma vez que poderiam assinalar mais de um tema.

A Tabela 5 mostra que os assuntos “corpo masculino e feminino” e “transformações corporais na puberdade”, que são parte do currículo do Ensino Fundamental 1, estão entre mais assinalados pelas futuras professoras como necessários para aprimorar o conhecimento.

Tabela 4. Perguntas que as crianças poderiam fazer que os acadêmicos de pedagogia acreditam que não saberiam responder

Categories	Exemplos	Freq.	%
Relação Sexual	“O que é sexo, como se faz?” “Como é feita a relação sexual?” “O que é transar?”	24	23%
Gravidez	“Como entramos na barriga da mamãe?” “Como as mulheres engravidam?” “Como Adão e Eva faziam filhos?”	19	18%
Gênero	“A pessoa nasce gay?” “Por que alguns meninos gostam de meninos e meninas de meninas?” “Como é o despertar homossexual, se eu me sinto menino, porque tenho que me vestir de menina (sobre gênero)”	16	15%
Prazer	“O que é orgasmo?” “Por que ficam excitados e ocorre a ejaculação?” “O que é masturbação?”	13	13%
Diferenças Corporais	“Qual a diferença dos meninos para as meninas?” “Por que meu órgão genital é diferente?” “Por que eu sendo menina tenho órgão sexual diferente do menino?”	12	12%
Outras respostas	“Qual momento propício para iniciar a vida sexual?” “Como se proteger do abuso sexual?” “O que é estupro?”	13	13%
<i>Não respondeu</i>	—————	6	6%

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

Tabela 5. Assuntos selecionados para obtenção de conhecimento futuro para trabalho em Educação Sexual com as crianças

Temas	Freq.	%
Abuso sexual e prostituição	52	53%
Transformações corporais na puberdade	38	39%
Corpo feminino e masculino	37	38%
Gênero	36	37%
Homossexualidade	35	36

Fonte: Dados da pesquisa (2017)

DISCUSSÃO

O que responder? Antes é preciso saber, conhecer, ter a informação. Os resultados obtidos na presente pesquisa mostraram que a dificuldade em se falar de sexo e sexualidade com as crianças começa nos conceitos básicos. Grande parte das acadêmicas de pedagogia, participantes da pesquisa, não conhecia o significado dessas palavras, ou não souberam defini-los. A sexualidade, por ter um significado amplo, é um termo que naturalmente causa mais confusão, porém, o termo sexo não deveria ser alvo de dúvidas.

Para que a escola assuma seu papel no trabalho de Educação Sexual é preciso que as professoras cheguem à sala de aula com concepções firmes a respeito das questões básicas da sexualidade. Isso é construído desde sua formação como educadoras, para que tratem com naturalidade as dúvidas e curiosidades de seus alunos e desconstruam a imagem negativa ou distorcida que historicamente acompanha as questões de sexo e a sexualidade para as crianças.

Observa-se que, neste aspecto, as acadêmicas demonstraram maior preocupação com os possíveis questionamentos das crianças em relação ao ato sexual, sendo a segunda preocupação as perguntas sobre gravidez, cujas respostas invariavelmente levariam à explicação sobre o ato sexual. Assuntos relacionados ao corpo humano também foram elencados como difíceis de responder. Além disso, este assunto foi um dos mais assinalados na lista das necessidades de capacitação.

Este é um dado interessante uma vez que no estado do Paraná esses conteúdos estão inseridos no quinto ano do Ensino Fundamental I (AMOP, 2015), são eles: sistemas reprodutores masculino e feminino, modificações corporais durante a puberdade, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e concepção. Ou seja, pedagogas serão requeridas em sua prática a abordar esse assunto dentro do currículo da série.

Questões acerca da orientação sexual e homossexualidade também aparecem como as mais requeridas para um reforço na formação pedagógica, sendo também uma das questões que as acadêmicas mencionaram que não saberiam responder. Neste mesmo sentido, Meneghetti, Dreyer, Cavalheiro e Moura (2015), pesquisando junto aos professores do 5º ano os temas em Educação Sexual consideradas por eles difíceis de serem trabalhados com as crianças, encontraram o tema homossexualidade. Porém, estudo com as perguntas das próprias crianças, nesta mesma faixa etária (MANTOVANI *et al.*, 2014), identificou que as dúvidas centram-se em questões sobre gravidez, mudanças corporais, sistemas reprodutores e menstruação exatamente os mesmos assuntos abordados no currículo da série, e que questões sobre orientação sexual e homoafetividade ainda são pouco frequentes.

A alta porcentagem de solicitação para capacitação quanto a “abuso sexual e prostituição” demonstra a preocupação talvez não com perguntas neste sentido, mas com as experiências que as crianças podem se submeter ou serem vítimas. A escolar é um lugar propício para a realização de abordagens de prevenção ao abuso sexual e também para reconhecer e ajudar crianças que estão passando por estes problemas. O professor tem um papel importante nesse quesito, por ser ele o profissional com o qual as crianças possuem mais contato, e muitas vezes confiança. As participantes da pesquisa pareceram reconhecer a necessidade de formação para que possam exercer seu papel com mais segurança nestes casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesse trabalho realizar um levantamento a respeito das prováveis dificuldades que acadêmicos de Pedagogia julgam que teriam frente as ações de Educação Sexual na escola. Isso porque cabe ao pro-

fessor a função, muitas vezes desconfortável e desconcertante, de responder as dúvidas e curiosidades inerentes à descoberta da sexualidade na infância. Mesmo que o professor explique abertamente, nunca será capaz de responder a todas as inquietações, mas deve estar o mais preparado possível para tal.

Percebe-se que, as inquietações das futuras pedagogas são ligeiramente diferentes das professoras que já estão na prática. Enquanto acadêmicas temem não saber lidar com questões referentes a relação sexual, gravidez, gênero e prazer, as pedagogas atuantes preocupam-se com como explicar sobre prazer sexual e orgasmo, masturbação, sexo oral e sexo anal (MENEGETTI, 2016). Pesquisas futuras poderiam testar diferentes propostas de capacitação de professores e futuros professores na abordagem dessa temática. Talvez diferentes metodologias tenham maior ou menor impacto no conhecimento e no comportamento dos mesmos quanto ao como lidar com o assunto, considerando critérios de custo/benefício no treinamento proposto. Informações corretas e adequadas protegem crianças e adolescentes de comportamentos de risco e um professor bem formado estará numa condição mais proativa quanto ao ensino do autocuidado e da vivência saudável da sexualidade dos seus alunos.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DO PARANÁ – AMOP. Departamento de Educação. **Currículo básico para a escola pública municipal:** Educação Infantil e Ensino Fundamental – anos iniciais. Cascavel: AMOP, 2015. Disponível em: <https://www.toledo.pr.gov.br/sites/default/files/curriculo_basico_3_edicao_2015.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.
- BARDIN, L.; **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARROS, S.; RIBEIRO, P.; R.; C.; Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 11, n. 1, 2012.
- CABRAL, P.; P.; MOURA, C.; B.; BORGONOVO, A.; K.; Responsabilidade de quem? O que pensam os pais de alunos do ensino fundamental sobre a educação sexual na escola. **EDUCAÇÃO ON-LINE (PUCRJ)**, v. 13, p. 73-93, 2018.
- FIGUEIRÓ, M.; N.; D.; **Formação de educadores sexuais:** adiar não é mais possível. Campinas: Mercado das Letras, 2006.
- LEÃO, A.; M.; C.; **Estudo analítico-descritivo do curso de pedagogia da Unesp-Araraquara quanto a inserção das temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos.** (2009). 343 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2009.
- LEÃO, A.; M.; C.; RIBEIRO, P.; R.; M.; A (in) existência da sexualidade no curso de pedagogia: o currículo oculto em evidência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 275-290, 2013.
- LIMA E.; ALMEIDA, G.; Educação Sexual e práticas pedagógicas. **IV Colóquio de História: Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade** – UNICAP. 2010.
- MAIA, A.; C.; B.; **Sexualidade e deficiências.** São Paulo: Ed. da Unesp, 2006.
- MAIA, A.; C.; B.; RIBEIRO, P.; R.; M.; Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. In: **Revista Brasileira de Educação Especial.** Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial – ABPEE, 16, 2010. p.159-176. Acesso em 10 abr. 2017. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/30124>>.
- MAIA, A.; C.; B.; RIBEIRO, P.; R.; M. Educação Sexual: princípios para ação. In **Revista Doxa**, p. 75-84, 2011. Acesso em 13 abr. 2017. Disponível em: <http://www.academia.edu/12736279/Educa%C3%A7%C3%A3o_Sexual_princ%C3%ADpios_para_a%C3%A7%C3%A3o>.

MAIA, A.; C.; B.; SPAZIANI, R.; B.; Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professores de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 11, n.01, p. 68-84, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2017>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

MANTOVANI, G.; *et al.*; Comparação de dúvidas sobre sexualidade entre crianças e adolescentes. Contexto e educação. **Editora Unijuí**, ano 29, n. 92, p.72-90, jan-abr, 2014.

MENEGHETTI, V.; DREYER, L.; C.; CAVALHEIRO, R.; L.; O.; MOURA, C.; B.; **As ações e dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação da educação sexual**. EDUCAÇÃO ON-LINE (PUCRJ), v. 18, p. 117-130, 2015.

MENEGHETTI, V.; **Dificuldades relatadas por professores do ensino fundamental na implementação de ações de Educação Sexual**. (2016). Dissertação (Mestrado em Ensino). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu – PR, 2016. Acesso em 05 abr. 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2>

MOKWA, V.; N.; F.; *et al.*; **O Lugar da Sexualidade na Formação de Professor**. In: BUENO, S. M. V. (Org.); MOKWA, V. M. N. F. SILVA, S. S. (Org.). Contribuição de grandes educadores na educação dos últimos tempos. 1ed.- Ribeirão Preto: FIERP, 2012, v.1, p. 1-150.

NEVES, M.; B.; ROMERO, L.; C.; Acquired immunodeficiency syndrome prevention policy at school in Brazil (1994-2014) and the role of united nations educational, scientific and cultural organization. **Educação & Sociedade**, AHEAD, p. 0-0, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Sexual and Reproductive Health. **WHO**, 2006. Disponível em: <http://www.who.int/reproductivehealth/topics/sexual_health/sh_definitions/en>. Acesso em 20 mai. 2017.

RIZZA, J.; L.; RIBEIRO, P.; R.; C.; MOTA, M.; R.; A.; A sexualidade nos cursos de licenciatura e a interface com políticas de formação de professores/as. **EDUCAÇÃO E PESQUISA**, v. 44, p. 1-18, 2018.

UNBEHAUM, S.; CAVASIN, S.; GAVA, T.; Gênero e sexualidade nos currículos de pedagogia. Em **Anais eletrônicos do IX Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278171100_ARQUIVO_Gen_Sex_Curric_Ped_ST19_FG9.pdf>

